

Os Processos Morfológicos de Adaptação e Absorção dos Empréstimos da Língua Bantu (Xichangana) na Língua Portuguesa: Uma Abordagem Comparativa com Emakhuwa, Cisena e Cicopi.

The Morphological Processes of Adaptation and Absorption of Borrowings from the Bantu Language (Xichangana) into the Portuguese Language: A Comparative Approach with Emakhuwa, Cisena and Cicopi.

Edson Teresa¹

Universidade de Rovuma

Sónia Sara Cumbe²

Universidade de Rovuma

Resumo: Sendo Moçambique um país multilingue e multicultural, propomo-nos discutir os processos morfológicos de absorção e adaptação dos empréstimos das línguas Bantu, com ênfase no Xichangana, numa abordagem comparativa com as línguas Emakhuwa, Cisena e Cicopi, na sequência dos contactos entre as línguas locais moçambicanas do grupo Bantu e a língua portuguesa. O objetivo é mostrar a influência da língua Xichangana no português, devido ao longo contacto estabelecido desde a época colonial até aos dias atuais. Podemos destacar empréstimos em diversos subsectores da LP, nomeadamente, sintáticos, pragmáticos, lexicais e morfológicos, sendo sobre este último que vamos concentrar o nosso estudo, contribuindo para a formação de uma variante da língua portuguesa, o “Português de Moçambique (PM)”. O trabalho foi desenvolvido com uma abordagem qualitativa, realizada através de análise bibliográfica complementada por técnica discursiva ou conversacional envolvendo 16 falantes nativos, e categorizada com a técnica de análise temática (Vaz Freixo, 2018; Vilelas, 2009). Os resultados indicam que os empréstimos do Xichangana para o português são geralmente adaptados morfológicamente. Notou-se, por outro lado, que as adaptações morfológicas não seguem um padrão rígido ao serem integradas na língua portuguesa. Em alguns casos, são regidas pelas normas morfológicas do Bantu, enquanto em outros, pelas normas da língua portuguesa. Existe ainda uma terceira categoria, subordinada a uma dupla subordinação morfológica (PE e LBM simultaneamente).

Palavras-chave: Empréstimos lexicais; Língua Portuguesa; *Xichangana*; Português Moçambicano.

Abstract:

¹ Licenciado em Ensino de Língua Francesa, pela Universidade Pedagógica de Moçambique e, Mestre em Inovação em Didáctica de Línguas Modernas. Docente de graduação, curso de Licenciatura em Ensino de Francês, na Universidade Rovuma, actua nas disciplinas de Morfologia e Sintaxe do Francês. Áreas de interesse: Tipologia Morfológica e Sintáctica; morfologia e sintaxe do Francês, *Xichanga*, *Cicopi*, *Cisena* e *Emakhuwa*.. E-mail – emocumbi@unirovuma.ac.mz.

² Licenciada em Ensino de Língua Inglesa, pela Universidade Pedagógica de Moçambique e, Mestre em Administração e Gestão Educacional. Docente de graduação, curso de Licenciatura em Ensino de Inglês, na Universidade Rovuma, actua nas disciplinas de História da língua Inglesa e Técnicas de expressão em língua Inglesa. Áreas de interesse: Linguagem, sociedade e Cultura. E-mail – scumbe@unirovuma.ac.mz.

As Mozambique is a multilingual and multicultural country, we aim to discuss the morphological processes of absorption and adaptation of loanwords from Bantu languages, with an emphasis on Xichangana, in a comparative approach with Emakhuwa, Cisená, and Cicopi languages. This study follows the interactions between the local Mozambican Bantu languages and Portuguese. The objective is to show the influence of the Xichangana language on Portuguese, due to the long-standing contact established since the colonial period up to the present day. We highlight loanwords in various sub-sectors of Portuguese, namely syntactic, pragmatic, lexical, and morphological aspects, focusing on the latter in our study, contributing to the formation of a variant of Portuguese, "Mozambican Portuguese (MP)." The work was developed using a qualitative approach, conducted through bibliographic analysis complemented by discursive or conversational techniques involving 16 native speakers, and categorized using thematic analysis techniques (Vaz Freixo, 2018; Vilelas, 2009). The results indicate that loanwords from Xichangana to Portuguese are generally morphologically adapted. It was noted, on the other hand, that these morphological adaptations do not follow a rigid pattern when integrated into Portuguese. In some cases, they are governed by Bantu morphological norms, while in others, Portuguese morphological norms preside over this process. There is also a third category, subordinated to a dual morphological subordination (both Portuguese and Bantu languages simultaneously).

Keywords: Lexical borrowings; Portuguese language; *Xichangana*; Mozambican Portuguese.

Recebido em 15 de novembro de 2023.

Aprovado em 22 de julho de 2024.

Introdução

Moçambique é um país da África Austral, à semelhança de outros países africanos, é caracterizado por uma importante diversidade linguística. A situação histórica marcada pela colonização trouxe, assim como em outros territórios e povos, vários elementos a destacar, a língua e, certamente, a cultura entre outras civilizações. Esta aproximação e contato de realidades, povo, língua e cultura está na origem de trocas e empréstimos entre os materiais em contato, fluindo não só na linguagem, mas também nas próprias línguas. Por isso, não seria inegável afirmar que a Europa (a potência colonizadora de África no geral), de Moçambique, em particular), Portugal trouxe para Moçambique a língua e a civilização portuguesa, do outro lado, é irrefutável declarar que o povo autóctone (moçambicano) portava sua própria identidade linguística, cultural e civilizacional.

Geffray (1990); corrobora ao afirmar que “pode se interpretar a sociedade, em seu conjunto, em função de uma teoria de comunicação”. Isso só seria possível em três níveis (...) [combinando, por exemplo] as regras do casamento, as regras económicas e as regras linguísticas

[dentro da mesma sociedade]. Esta afirmação revela que, é através da língua que são expressas e explicadas as regras de ser e estar de uma determinada comunidade. Moçambique não é uma exceção, pois com uma estimativa de pouco mais de quatro dezenas de línguas *Bantu* reconhecidas³, o português goza do estatuto de língua oficial segundo a *Constituição da República de Moçambique*, é, contudo, língua materna para menor porção da população, no entanto, língua que conhece um crescimento gradual e significativo dos seus falantes, principalmente com o crescimento da população urbana, nos últimos anos, o que contrasta com a realidade rural, principalmente as populações rurais, não escolarizadas, com enfoque para as mulheres e adultos, segundo Instituto Nacional de Estatística (2019); Firmino (2015).

Nesta pesquisa, usaremos o termo *Bantu* inspirando-nos na perspectiva de Ngunga (2014), que o considera como referente a um grupo de cerca de 600 línguas faladas em grande parte do extenso território do continente africano, abrangendo África Central até a África Austral. Enquanto isso, a LP em Moçambique é falada geralmente por pessoas escolarizadas, habitantes dos centros urbanos, com crescente número de falantes como língua materna, nos últimos anos, como descrevem Firmino (2015); Mapasse (2017), confirmado por dados estatísticos do Censo Geral da População e Habitação (2019).

Ngunga (2014); Timbane (2017); Vilupillai (2012) chamam atenção para a realização de pesquisas das línguas moçambicanas que na sua maioria estão ameaçadas de extinção a médio/longo prazo, uma vez que até hoje algumas delas ainda não padronizaram a ortografia nem têm gramáticas e nem dicionários.

Há várias pesquisas feitas versando sobre os contatos e consequentes empréstimos entre as línguas Bantu (LB) e portuguesa (LP), Firmino (2015); Hlibowicka-Węglarz (2021); Timbane (2017), entre outros. Na sua maioria, fazem um levantamento de algumas transferências e empréstimos lexicais das línguas Bantu para a língua portuguesa e *vice-versa*, deixando de lado os processos linguísticos envolvidos neste processo, o que dá origem ao PM.

Dessa maneira, o presente trabalho é um contributo não menos importante para a valorização, preservação, bem como para a integração das línguas bantu no Sistema Nacional de Educação (SNE), como patrimônio linguístico-cultural da humanidade, para além do letramento

³ Ngunga (2014).

do PM. É desta forma que, pretendemos abordar os processos linguísticos (a variação morfológica) decorrentes dos empréstimos e transferências lexicais — gerando português moçambicano “moçambicanismos” — nos diferentes níveis da língua.

A presente pesquisa tem por objetivos analisar linguisticamente as adaptações morfológicas dos empréstimos da língua *Xichangana* no sistema linguístico da LP.

Utilizamos, como base teórica, o conceito de empréstimos adaptado ao contexto moçambicano por Dias (2002, p.20), que afirma que “empréstimos ou moçambicanismos são palavras tipicamente usadas em Moçambique, que mostram e particularizam a regionalização léxico-semântica do português em Moçambique resultado do contato entre esta língua com as línguas locais moçambicanas do grupo Bantu.”

Inicialmente, apresentamos, neste trabalho, um panorama geral da situação linguística de Moçambique. No segundo momento, apresentamos os procedimentos metodológicos seguidos na realização desta pesquisa de cunho qualitativo, e posteriormente, a análise de dados nos domínios linguísticos sobre os quais ocorrem os empréstimos, com maior ênfase para o *xichangana* e o português. De sublinhar que antes das considerações finais, estabelecemos uma comparação tipológica com outras línguas moçambicanas, nomeadamente o *Cicopi*, o *Cisena* e o *Emakhuwa*.

1. Situação linguística de Moçambique

O Português Moçambicano, não é somente um tipo de português, mas sim um complexo de muitos tipos.

Lopes, Sitei e Nhamuende (2002, p. 2)

Moçambique, sendo um espaço linguisticamente heterogéneo, a diversidade linguística não pode ser compreendida, só na dimensão quantitativa, o que é sociolinguisticamente clássico de assumir que é território multilingue. Deste modo é, igualmente, importante prestar atenção às diferenças existentes dentro de cada um dos sistemas linguísticos partilhados por uma comunidade (sociolinguística variacional). Esta perspectiva variacional remete a uma reflexão,

até um certo ponto, sobre o conceito língua, definida como um sistema homogêneo e coeso (...), em linguística tradicional, é conhecida como um conjunto de regras ou gramática, para as quais os falantes se adaptam (Quinton; Mimram; Le Coadic, 2004).

Os indivíduos desenvolvem a sua própria linguagem, extraída dentro do sistema (língua); cada falante constrói seu próprio vocabulário dentro do léxico oferecido pelo sistema e, uma vez os falantes gozarem de variadas experiências de vida (bi- ou plurilinguismo endógeno ou exógeno), estes acabam influenciando os sistemas, ditos homogêneos.

Timbane; Belinck (2019, p. 108) afirmam que “nenhuma língua é isenta à influência de fatores internos e externos à língua porque existe uma estreita relação entre ela e a organização sociocultural”. Estes pesquisadores acrescentam ainda que “em muitas sociedades, a língua tem um valor mais importante (...), ela identifica os povos socialmente marcados” (*Ibidem*).

Descrevemos, de seguida e de forma objetiva, a localização espacial das Línguas *Bantu* ao nível do território nacional, onde elas estabelecem o contato com a LP, língua veicular.

As Línguas Moçambicanas estão distribuídas pelo país, sendo enquadradas em quatro zonas (G, P, N, S) e oito grupos, referentes à classificação de Guthrie (1967-1971), nomeadamente: Zona G, Grupo G40 (Swahili); Zona P, Grupo P20 (Yao) e Grupo P30 (Makhuwa-Lomwe); Zona N, Grupo N30 (Cewa-Nyanja) e Grupo N40 (Nsenga-Sena); e Zona S, Grupo S10 (Shona), Grupo S50 (Tswa-Ronga) e Grupo S60 (Copi).

Os estudos sobre a situação linguística de Moçambique desenvolvidos de 1975 à atualidade não são unânimes em relação ao número de línguas moçambicanas faladas no país. Os números propostos variam entre 8 e 44 línguas moçambicanas (Ngunga, 2014). Ainda assim, a verdade indiscutível é que a maioria das Línguas Moçambicanas apresenta uma riquíssima diversidade em termos de variantes ou dialetos. Conforme os dados do INE (2019), as línguas faladas em Moçambique são apresentadas no quadro 1.

Quadro 1. Línguas faladas em Moçambique

Grupo (Guthrie 1967-1971)	Classificação de Guthrie (1967-71)	Províncias	Nº de falantes (Censo / 2007)	Nº de falantes (Censo / 2017)
G40 Swahili	G42 Swahili	Cabo Delgado	15.255	26.261
	G45 Mwani	Cabo Delgado	77.915	88.035

P20 Yao	P23 Makonde	Cabo Delgado	268.910	58.984
	P21 Yao	Niassa	314.796	433.790
P30 Makhuwa – Elomwe	P31 Makhuwa	Cabo Delgado Niassa, Nampula e Zambézia	4.097.788	5.813.083
	P32 Lomwe	Nampula, Zambézia	1.136.073	1.574.237
	P34 Chuwabu	Zambézia	716.169	1.050.696
	P31C Lolo	Zambézia		73.003
	P35 Koti	Nampula	60.771	57.423
N30 Cewa-Nyanja	N31 Nyanja	Niassa e Tete	903.857	1.790.831
N40 Nsenga- Sena	N43 Nyungwe	Tete	475.292	488.235
	N44 Sena	Sofala e Manica	1.218.337	1.578.164
S10 Shona	S13a Manyika	Manica	133.961	137.310
	S13b Tewe	Manica	259.790	200.849
	S15a Ndau	Sofala e Inhambane	702.464	836.038
	N45 Balke	Manica	112.852	127.140
	S10 Shona	Tete	35.878	48.811
S50Tswa-Ronga	S51 Tshwa	Inhambane	693.386	836.644
	S53 Changana	Gaza e Maputo	1.660.319	1.919.217
	S54 Rhonga	Maputo	235.829	273.441
S60 Copi	S61 Copi	Inhambane e Gaza	303.740	227.652
	S62 Tonga	Inhambane	227.256	194.643
	Língua de sinais	Todo o país	7.503	4.173
	Português	Todo o país	1.693.024	3.686.890
	Outras línguas estrangeiras	Todo o país	310.259	112.385
	Línguas desconhecidas	Todo o país		407.927

Fonte: Adaptada a partir de Ngunga (2014); INE (2019).

Segundo Timbane (2017), “para além das línguas acima referenciadas, acrescenta-se as línguas de origem asiática vindas com imigrantes e povos que se instalaram nas principais

capitais provinciais de Moçambique e desenvolveram atividades comerciais. São elas: língua gujarati, língua memoni, língua hindi, língua urdo e língua árabe”. Como podemos constatar, Moçambique afirma-se assim como um país multiétnico e multilingue.

A política linguística escolar moçambicana, do seu turno, evoluiu na dinâmica sócio-política, económica e cultural por que o país passou ao longo do tempo, desde a política monolingüística, visando a promoção e fomento da LP, legitimada com adoção desta como língua oficial. Logo após a independência nacional, em 1975⁴, automaticamente conferiu o estatuto de língua oficial e única língua de ensino, de uso obrigatório na educação e nas instituições públicas. O estatuto de língua de unidade nacional resultou da política do Estado Moçambicano, como estratégia para consolidar a união entre os moçambicanos, a comunicação internacional e a transmissão do conhecimento científico. Por outro lado, às línguas *Bantu* caberia o papel de comunicação e de expressão na vida privada e familiar, no quotidiano do bairro ou da aldeia, na transmissão e criação cultural, assim como a nível regional e de base como línguas da informação (rádio, jornal do povo), da formação política e da formação técnica e científica (técnicas básicas, campanhas agrícolas e sanitárias, outros). (MEC, 1980, p. 9).

De seguida, assiste-se a adoção de uma nova estratégia referente à aprendizagem de línguas, o bilingüismo euro-centrista (exógeno), aqui, para além da língua portuguesa, associam-se às línguas inglesa e francesa no Sistema Nacional de Educação (SNE).

Apenas na terceira e última fase, desde a primeira década dos anos 2000, a política linguística escolar em Moçambique resgata o seu próprio e vasto património linguístico. Assim, as LB moçambicanas são retomadas e são objeto de estudo, de ensino e de aprendizagem na educação formal. No entanto, durante este longo período de marginalização, como fruto das relações e contatos, embora cada uma com seu estatuto, valências e limitações, várias foram as trocas, das quais novos códigos lexicais e fonológicos foram emergindo e, que hoje incorporam e regem o funcionamento delas (tanto para a LP, como para as LB, particularmente no *Xichangana*.

⁴ Firmino (2015).

Porém, até aos dias de hoje, os gestores da educação e conceptores das demais políticas linguísticas nacionais teimam em ignorar estas valências que identificam um povo (moçambicano), primando na teoria de que o modelo do português a ser praticado em Moçambique deve ser o europeu, ignorando radicalmente o pressuposto segundo o qual, é impossível dissociar a língua da cultura e, por via da mesma língua, pode-se explicar e compreender um povo (Geffray, 1990). No entanto, a prática é reveladora do contrário, sendo que a fala dos moçambicanos em geral, até aos mais letrados, pode prenunciar a existência de uma variante própria, o PM. Mapasse (2017, p. 242) afirma que o ensino da LP em Moçambique “é caracterizado por uma tensão ou conflito entre o preconizado e a prática” e, “esta limitação só pode ser ultrapassada se a escola recorrer aos estudos sociolinguísticos que oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e relativizar a noção do erro”. Isto é, tanto os professores como os aprendentes são conscientes de que se deve ensinar e aprender o PE, porém eles não têm consciência de que realizam, de forma larga, o PM, chegando ao ponto de não saberem distinguir o que é erro, ou o que é padrão.

Segundo Dias (2009, p. 410), a língua portuguesa de Moçambique é “uma hibridização cultural e linguística” fortemente influenciada pelas línguas *bantu* e pela cultura africana. Dias postula, ainda, que a escola não consegue funcionar como “guardião e difusora da norma europeia” pelo fato de os valores linguísticos e culturais em que vivem os alunos diariamente não coincidirem com os valores ensinados na escola.

Portanto, o português em Moçambique está em processo de mudança, que resulta não somente do contacto com as línguas *bantu*, mas também com outras línguas presentes no país, com destaque para as línguas estrangeiras que ganham, cada vez mais, prestígio na comunidade moçambicana.

Contra todas as correntes (a expansão e o acesso à educação formal, a crescente urbanização acompanhada por êxodo rural a procura de melhores oportunidades de emprego, o acesso à informação por diversos órgãos e meios de comunicação social), as Línguas *Bantu*-nacionais continuam as mais faladas, como podemos ver no quadro que se segue.

Quadro 2: Distribuição das línguas (português, *xichangana*, *cicopi*, *cisena* e *emakhuwa*) por seu número de falantes, ao longo das últimas décadas.

Língua e seu estatuto	Influência na população moçambicana longo do tempo	
	1997	2017
Português L1	6.5	16.5
Emakhuwa	26.3	26.1
Xichangana	11.4	8.6
Cisena	7.0	7.0
Cicopi	33.0	11.8 ⁵

Fonte: INE, Timbane; Belinck (2019)

Se os números apresentados no Quadro - 2 mostram a supremacia das LB como línguas maternas da maior parte da população moçambicana, infelizmente, do outro lado revelam o crescimento vertiginoso dos falantes do português como sua primeira língua. Este crescimento deve ser tomado como um alerta-laranja às LB, à potencial ameaça de sobreposição e conseqüente desaparecimento. Assim, os políticos têm na obrigação, a tomada de consciência e considerar estes fatores para o aprimoramento do planejamento das políticas linguísticas por forma a assegurar não só a vitalidade destas línguas, mas acima de tudo da cultura, saberes ou mesmo da humanidade por elas suportada.

Até ao segundo Censo Geral da População e Habitação de Moçambique, em 1997, apenas 6.5% tinha a LP como sua L1 e, duas décadas mais tarde, o número quase que triplicou, tendo-se fixado em 16.5%, em contrapartida quase todas as línguas nacionais tendem a decrescer o número de falantes de forma significativa, sendo que poucas, como é o caso de *Cisena*, que conseguiu manter estático os seus falantes que se fixaram em 7% até ao final do último censo, em 2017⁶.

O crescimento da população alfabetizada, na sua maioria a camada jovem, camada está envolvida na busca de melhores oportunidades nos centros urbanos, entre outros, elevam, em parte, a população orientada para a aquisição e extensão da área de atuação da LP, mas, do outro lado, é um fator importante e dinamizador de cada vez mais contatos, trocas e ou empréstimos entre a LP e as LB, dando origem, sobretudo, ao Português Moçambicano (PM). Estes processos traduzem uma característica universal a todas as línguas humanas, a capacidade de evoluir

⁵ A língua *Cicopi* pertence a um grupo de línguas minoritárias em relação as outras LB em função da sua zona de influência e o respetivo número de falantes, estimados em cerca 303. 740 pessoas de cinco e mais anos de idade, FAQUIR, Osvaldo; NGUNGA, Armindo (2012). O Censo Geral de População e Habitação apresenta os dados deste grupo de línguas de forma cumulativa.

⁶ INE, 2020.

diacronicamente, marcada por apagamento de certos aspetos e conseqüente surgimento de novas formas ou traços em seus diferentes axes.

Outrossim, até ao ponto de estas trocas e empréstimos serem legitimados como parte integrante da língua de chegada, passam por vários estágios, desde as variações sociolinguisticamente explicáveis, nomeadamente idioletais, socioletais, até a sua universalização, transcendendo o circuito do indivíduo, ou grupo mentor, para toda uma sociedade. Isso é explicado pelo fato de que estas mutações linguísticas acontecem, inicialmente de forma inconsciente, ocorrendo de forma discreta e imperceptível para a grande parte dos falantes da língua. É por isso que, com este estudo, pretendemos descrever e explicar as circunstâncias e os segmentos sobre os quais os empréstimos são operacionalizados da LB *xichangana* à LP.

2. Metodologia

Esta pesquisa é de cunho qualitativo (Cardano, 2017), de carácter interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2008), onde o pesquisador busca mostrar, com exemplos concretos, a variação e mudança linguística que se processa através de transferências lexicais do *Xichangana* ao português “moçambicanismos”. Segundo Cardano (2017), é através dessa metodologia que o pesquisador busca entender a realidade ao seu redor e as diversas vozes ou discursos presentes no mundo social em que vive. É precisamente com este estudo que pretendemos compreender fenômenos linguísticos qualitativamente tangíveis, práticas sociais e falas (linguagem), do ponto de vista de sua forma e modo, e não necessariamente de sua quantidade. Mesmo que, em algum momento, a frequência de sua ocorrência possa ser um bom indicador, demos primazia à abordagem qualitativa, fenomenológica, naturalista e humanista do tipo etnográfico. Vaz Freixo (2018, p.123) defende que esta abordagem centra seu estudo na forma e nos significados das ações humanas e da vida social, tentando compreender e interpretar como é a linguagem (morfologia) do ponto de vista dos participantes.

Para a geração do corpus, utilizamos fontes bibliográficas, analisando informações detalhadas sobre as línguas estudadas. Esses dados foram extraídos de estudos linguísticos já publicados, bem como de descrições linguísticas e gramáticas descritivas. Isso é bastante

vantajoso, uma vez que são 'análises da linguagem compreensivas, feitas por falantes nativos ou por pesquisadores do campo, que são também linguistas treinados, além de fornecer níveis variados de detalhes' (Velupillai, 2012). Dentre as fontes usadas, destacamos dicionários da língua xichangana e artigos sobre as línguas bantu moçambicanas, pelo fato de serem fontes de referência onde podemos identificar traços e marcas da presença de empréstimos entre as línguas bantu e o português europeu (PE), dando origem ao português moçambicano (PM)."

No intuito de alcançar uma variedade de elementos que possam fornecer informações relevantes para uma análise consistente, as fontes descritivas foram complementadas pela técnica discursiva ou conversacional que consiste no registro por gravações áudio ou visual de uma interação de falantes nativos, sobre uma temática qualquer de seu interesse, num ambiente natural e, a posterior, o pesquisador procederá com a análise de partes específicas que se referem ao estudo.

Esta ofereceu-nos oportunidade de gerar dados a partir de falantes nativos (grupos etnolinguísticos visados pelo estudo), das quais, após a transcrição, fazemos o levantamento de expressões ou outras formas de realização do PM, como resultado do contato e empréstimos das línguas de origem *Bantu* o *xichangana* com o PE.

Para terminar a triangulação dos dados, associado ao fato de, como pesquisadores, não falarmos todas as línguas objeto desta comparação tipológica, o que não permitiu a introspeção, recorreremos, igualmente a elicitación, para a geração de *corpus*, definida por Velupillai (2012) como;

uma técnica de coleta de dados, na qual, o [pesquisador] faz perguntas pontuais à falantes nativos ou especialistas com competência semelhante à nativa, para obter informações sobre um idioma (...), para obter informações sobre características específicas que está investigando.⁷

⁷ NT: With elicitation the linguist asks native speakers or experts with native-like competence pointed questions to glean information about a language. Elicitation thus allows the linguist to ask about the particular features s/he is investigating (Velupillai, 2012, p. 42).

Esta técnica foi de grande valia, para nós, na medida que fizemos as transcrições das falas (gravações e registros) dos informantes dos diferentes grupos etnolinguísticos cobertos pelo estudo (*Xichangana*, o *Emakhuwa*, o *Cisena*, e o *Cicopi*).

A pesquisa contou com a participação de 16 falantes nativos, sendo 8 homens e 8 mulheres. Os inquiridos têm nível de ensino médio e superior, e idades que variam de 18 a 49 anos. É importante destacar que foram tomados cuidados éticos a fim de proteger a identidade dos participantes. Assim, solicitamos a eles que escolhessem para si um pseudônimo. Os participantes também nos deram autorização para usar os dados por eles gerados nesta pesquisa, mediante a assinatura de termo de consentimento livre esclarecido.

O método escolhido para a análise das unidades lexicais extraídas da análise documental e das transcrições das falas dos participantes – falantes nativos, gravadas pelos pesquisadores, foi a técnica de análise de conteúdo, com o propósito de mostrar algumas transferências lexicais das LB e conseqüente readaptação na língua portuguesa dando ao PM.

Bardin (2014, p. 44) define a técnica de análise de conteúdo (...) como um conjunto de técnicas de comunicação, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Dentre as várias técnicas de análise de conteúdo propostas por autores como Vaz Freixo (2018), Vilelas (2009) e Yin (2014), usamos, nesta pesquisa, a técnica de análise temática, que:

[C]onsiste na reconstrução do vasto texto resultante das transcrições das interações conversacionais e das entrevistas em pequenas unidades ou categorias (trechos ou excertos). Por sua implicância ao tentar descobrir os núcleos de sentido, isto é, desvendar o sentido contextual e pragmático de uma comunicação ou um segmento (Vaz Freixo, 2018; Vilelas, 2009).

Esta análise incidirá sobre o contexto, uma vez que esta subunidade de análise fixa limites de informações contextuais que podem apresentar descrições de uma unidade de registro e descreve aquela parte do material que é preciso examinar, com dimensões certas e necessárias

para compreender o significado exato da unidade de registro, fato que sugere a triangulação de fontes de dados.

Nesta pesquisa, foram feitas interpretações a respeito das descobertas relativas aos empréstimos linguísticos da língua *xichangana*, no português em Moçambique, adotando as seguintes categorias, *a priori*: (i) pela adoção do vocábulo sem alteração; (ii) pela adoção do vocábulo com adaptação ao sistema; e (iii) reduplicação verbal total.

A seguir, apresentamos os empréstimos e os processos da sua integração, citamos alguns exemplos de cada categoria acima mencionada e os analisamos.

3. Os empréstimos da língua *xichangana* no português em Moçambique

O contexto social, económico, político e cultural de Moçambique influencia significativamente nas mudanças e variações linguísticas. A longa convivência da língua portuguesa com as línguas nativas moçambicanas deu, em resultado, muitos empréstimos vindos de todas as línguas autóctones faladas no país. Esses empréstimos entram na língua alvo (português), geralmente, sofrendo adaptações morfológicas para sua adequação da mesma ao seu sistema linguístico. O nosso estudo abarca empréstimos que provêm da língua *xichangana* para o português, onde o processo de importação ocorre de duas maneiras: i) pela adoção do vocábulo sem alteração; ii) pela adoção do vocábulo com adaptação ao sistema. Neste último caso, vamos, igualmente, analisar a norma linguística que rege este processo de adaptação morfológica destes empréstimos, entre (a) o Bantu; (b) o português; para além de (c) a dupla indexação, isto é a norma Bantu e do português, simultaneamente.

3.1. Empréstimo pela adoção do vocábulo da língua *xichangana*

A adoção do vocabulário sem alteração, geralmente ocorre quando os falantes recorrem aos termos da língua materna para preencherem lacunas lexicais na língua portuguesa, de certas realidades, tipicamente moçambicanas, como por exemplo, os nomes de frutos, comidas, bebidas, objetos e certas cerimônias, entre outros. A seguir, vamos nos ater à análise dos empréstimos com base na categoria (i) adoção do vocábulo sem alteração do vocábulo, sendo que a seguir apresentamos a língua *Xichangana*.

3.1.1. A língua *Xichangana*

Na região sul do país, encontramos o xichangana, que integra cerca de 600 línguas faladas na África Subsariana. Na África do Sul, a mesma língua é designada Xitsonga. Esta língua faz parte do grupo linguístico chamado Tswa-Ronga (Lopes, Sitori, Nhamuende, 2002, p. 50). Esta é a segunda língua nacional mais falada por crianças de cinco e mais anos de idade com cerca de 8.6% da população moçambicana (INE, 2019). As línguas *Xirhonga*, *Xichangana* e *Citshwa* perfazem um grupo de línguas mutuamente inteligíveis e são juntamente faladas nas províncias de Maputo, Gaza e Inhambane, no sul de Moçambique. São igualmente faladas na zona meridional das províncias de Manica e Sofala. A variante *Xidzonga* é a retida por pesquisadores como sendo a referência.

Eis alguns exemplos dos empréstimos provenientes desta língua do grupo bantu, referentes à tradição e à cultura do povo moçambicano e o seu significado, refletindo marcas e identidade dos seus falantes. É importante salientar que as falas e ou palavras a seguir encontram-se na língua portuguesa, tipicamente falada em Moçambique (PM), seguidas da descrição do seu valor semântico- pragmático, bem como a transcrição gráfica na LB de origem.

- *kokwana*, n. – Avô, pais dos seus pais, pessoa idosa (parente, conhecida e não só), desde que seja da segunda geração ascendente.

- *mangu*- n. – O almoço que o trabalhador leva e toma aos intervalos, ao longo do dia laboral.

- *njingiritana*, n. – Um grupo de crianças.

- *zanwanwa*, n. – Homem possuído, alteradamente apaixonado, com recurso a feitiço, engarrafado por sua esposa ou amante.

- *muloyi*, n. – Indivíduo que pratica bruxaria, feitiçaria ou macumba.

- *ngoma*, n. – Canção ou música.

- *tindzava*, n. – Fofocas, falácias, boatos, propagandas falsas, ato de produzir mentiras, ou difundir informações mantidas em segredo, do changana “*ndzava*” que quer dizer cesto, geralmente de boca virada ao céu, que não esconde o conteúdo nele guardado.

- *mafura*, n. - Fruto da árvore (*Trichilia emética*) cuja polpa se come quando amolecida ao sol, ou misturada com batata – doce cozida e em purê.

- *Ucanhe*, n. - Bebida fermentada, feita de frutos do canhoeiro. É geralmente consumida em haste pública e sem restrições, cuja venda é proibida e considerada tabu.

- *munhazi*, n. - Óleo da cozinha feito de mafuras, geralmente usado como tempero de grelhados, e não aconselhável para frituras.

Além dos empréstimos acima citados que são usados pela necessidade de referência a realidade cultural e tradicional moçambicana, os moçambicanos também fazem uso de empréstimos lexicais e ou expressões idiomáticas, como forma de prestigiar as suas línguas nativas, registrando dessa forma a sua identidade étnica. Vejamos alguns exemplos desse registo étnico-linguístico identitário usado entre os falantes das línguas *emakhuwa*, *cisena*, *cicopi* e *xichangana*, *Koshukuro*, *Ndakuta*, *Nabhonga*, *Khanimambo*, respetivamente.

Do outro lado, podemos encontrar palavras como “*mahala*”, o que literalmente significa (“gratuito, não pagável, serviço sem custos ou com custo zero); “*maningue*” (advérbio de quantidade, muito, bastante, demasiado); “*kwilili*” (bebida tradicional destilada com alto volume de álcool); “*maheu*” (bebida não alcoólica feita de farinha de milho fermentada e açúcar).

Exemplo 1: O ensino básico é *mahala*

“O ensino básico é *gratuito*”

Exemplo 2: Moçambique é *maningue* bonito.

“Moçambique é *muito* bonito.”

A importante diversidade linguística e cultural que caracteriza Moçambique, as numerosas línguas presentes apresentam algumas características linguísticas tipologicamente homogêneas “as línguas bantu (...) são prefixadas, as categorias gramaticais têm ao seu dispor os diferentes prefixos para a sua marcação” (Hlibowicka-Węglarz, 2021, p. 15-16). Cada um destes sistemas linguísticos é homogêneo e distinto dos outros, da mesma região e família. Face as infiltrações das LB no PM, este último, como descreve Hlibowicka-Węglarz (2021, p. 24) “não constitui um sistema homogêneo [queira lexical, morfológica, nem mesmo fonologicamente, etc.], mas pode ser considerado como um conjunto de variedades moldadas por diferentes condições sociais e culturais existentes no país”. É nesta ótica que julgamos importante sublinhar que há, dentro do léxico do PM, palavras já adotadas e que são do uso geral, identificando e representando a todos os moçambicanos ao se expressarem em LP, independente da sua língua e cultura de origem (*wasuwasu*, n. – feitiço para provocar num indivíduo paixões, maléficas); para além de *mahala*, *maheu*, *maningue*, e não só.

É, no entanto, importante chamar muita atenção, aos pesquisadores, leitores e ouvintes deste domínio (PM), ao fato de existirem inúmeras transparências (similaridades) do ponto de

vista morfológico, porém, o que torna sinuoso a este campo, é acima de tudo a existência de falsos cognatos entre as línguas autóctones moçambicanas. Senão vejamos:

O termo “*mangungo*”, n, geralmente usado na perspectiva Sena (*cicena*) significa precipitação, atrevimento, indivíduo precipitado, enquanto nas línguas *Xichangana* e *Cicopi*, o mesmo termo é um nome, referente a uma merenda ou marmita contendo uma refeição, geralmente preparada no dia anterior, para servir de almoço, durante a jornada de trabalho dos operários, tomada no intervalo ao meio dia.

3.2. Empréstimo pela adoção do vocábulo com adaptação ao sistema.

Entendemos por empréstimos pela adoção do vocábulo com adaptação ao sistema, palavras que quando transferidas da língua “A” para língua “B” ao longo do tempo se solidificam na língua e sofrem transformações ao nível fonético, influenciando, de certa forma o nível ortográfico, até semântico – pragmático. Ao nosso ver, seriam aquelas palavras que por tanta necessidade de serem usadas por falantes de uma determinada língua, assimilaram-nas na escrita e na fonética. Estas “novas” palavras quando chegam na língua-alvo (neste caso, o português) são incorporadas e usadas adaptando-as às regras do sistema linguístico da língua de chegada, o português.

No Quadro – 3, explorámos alguns verbos que foram selecionados com o objetivo de exemplificar os empréstimos pela adoção do vocábulo com adaptação ao sistema gramatical da língua portuguesa.

Quadro - 3: Adaptação dos verbos bantu ao sistema gramatical português

Língua bantu	Vocábulo emprestado	Empréstimo adaptado	Tradução
Xichangana	<i>Kulovola</i>	Lovolar/ Lobolar ⁸	Pagar dotes
	<i>Kuphalha</i>	Phalhar	Evocar espírito dos antepassados
	<i>Kurungulisa</i>	Rungulissar	Cumprimentar
	<i>Kutchova</i>	Tchovar	Empurrar
	<i>Kubula</i>	Bular	Conversar
	<i>Kuguadjissa</i>	Guadjissar	Roubar, furtar
	<i>Kukhona</i>	Khomar	Pegar ou assegurar

⁸ Os empréstimos das LBM ao PE, algumas palavras, no geral e, a classe dos verbos, de forma específica, observam um longo processo de mutações linguísticas (fonético-fonológicas e morfológicas), até ao ponto que seja adotada **uma forma padrão** final, particularmente reconhecida (por seus falantes) como própria da língua portuguesa. Isto sucede, muita das vezes, para os casos em que a forma emprestada (verbo) não tem o seu equivalente na língua de destino, neste caso, o PE. Este, é o caso do substantivo do *xichangana* “*lovolo*” (casamento tradicional e típico em algumas regiões de Moçambique e não só), ao verbo “*kulovola*” (ato de pagar dotes à família da noiva), para o verbo do PM, “Lobolar” (ato de pagar dotes à família da noiva).

	<i>Kutsema</i>	Tsemar	Cortar
	<i>Kikhendla</i>	Kendlar	Adquirir poderes de superstição
	<i>Kuhundza</i>	Hundzar	Passar ou atravessar
	<i>Kutshama</i>	Thsamar	Ficar ou sentar.
	<i>Kukhoma</i>	Kukhoma	Pegar ou assegurar
	<i>Kuyiva</i>	Yivar	Roubar

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

Os verbos no infinitivo na língua portuguesa terminam em *-ar*, *-er*, *-ir*. O infinitivo não está relacionado com nenhum modo ou tempo verbal. É uma das formas nominais do verbo, podendo desempenhar a função de um verbo ou a função de um nome. Mediante os verbos acima exemplificados, podemos constatar que ao se integrarem ao sistema linguístico da língua portuguesa, na forma infinitiva, passam a pertencer ao grupo de verbos da primeira conjugação, aqueles que se terminam em *-ar*.

É interessante o que se pode observar do processo de assimilação das regras gramaticais da língua portuguesa nas palavras acima representadas. Senão vejamos o exemplo de flexão verbal em diferentes tempos do indicativo e futuro, respetivamente, na LP, assim, diremos: *eu lobolo* (presente de indicativo), *eu lobolei* (pretérito perfeito), *eu tinha lobolado* (pretérito mais que perfeito) , *eu lobolarei* (futuro simples); e assim sucessivamente. Neste exemplo de empréstimo do substantivo *bantu* “*lovolo*” e sua conseqüente verbalização na língua portuguesa “*lobolar*”, não só estamos perante aportuguesação deste infinitivo, olhando para características morfológicas deste, observamos, por outro lado, que, a sua flexão, tanto modal como temporal, respeita escrupulosamente as regras desta língua ibérica (PE), bastando para tal observar a morfologia do verbo acima descrita. Vejamos o seguinte exemplo explicativo: eu = radical do verbo “*lobol-*” + o morfema gramatical marcador da primeira pessoa do singular, pretérito perfeito do indicativo “*-ei*”, e assim sucessivamente, para os demais tempos e modos.

Estes traços são notórios e distintos do português falado e escrito cá em Moçambique, tornando, deste modo uma variedade de português, distinta de outras variedades da mesma língua. O verbo *lobolar* é um empréstimo necessário, porque percebemos que não existe uma palavra no português europeu que seja referente ao casamento tradicional, em certas culturas moçambicanas. Podemos afirmar que este verbo não existe em nenhum outro país da CPLP, por isso, empréstimos dessa natureza decidimos designá-los de “moçambicanismos”.

Outrossim não menos importante tem de ver com a constatação geral a que chegamos, referente aos processos fonológico e gráficos operados sobre verbos genuinamente das LBM, a quando da sua aportuguesação. Observando o Quadro - 3, é notório que todos os verbos nas língua xichangana aí descritos, apresentam um morfema prefixal “*Ku-*”. Isso pode revelar que o infinitivo nesta língua seja sempre marcado pelo morfema “*Ku-*”, ao qual podemos designá-lo, também, de verbalizador.

Quando emprestados ao PM, estes verbos perdem, primeiro o afixo “*Ku-* ou *O*, é importado, apenas o radical do verbo (*-famba*, *-tsula*, *-kwenda* e *-rowa*) para a língua portuguesa que, por sua vez, é adicionado (ao radical) o morfema sufixal marcador do infinitivo⁹ na língua portuguesa “*-ar*”. Assim, todos os verbos emprestados ao PM, vindos das LBM terminam em “*-ar*”, como podemos notar o nosso exemplo com o verbo “*ir*” nas diferentes línguas *bantu* – moçambicanas em contato com o PE, *Fambar* (changana), *Tsular* (chope), *Kwendar* (cena) e, *Rowar* (macua).

Quadro - 4: Flexão de plural conforme regras da língua portuguesa

Categorias gramaticais				
Substantivo	Plural na língua bantu	Plural na língua portuguesa	Significado	Língua
Mamba	[Ti] + <i>mamba</i> = <i>Timamba</i>	<i>Mamba</i> + [s] = <i>Mambas</i>	Nome de uma espécie de cobra, uma das mais venenos em África	<i>Xichangana</i>
<i>Zione</i>	[Ma] + <i>zione</i> = <i>Mazione</i>	[Ma] + <i>zione</i> + [s] = <i>Maziones</i>	Nome de uma confissão religiosa praticada em Moçambique e não só.	
<i>Mbila</i>	[Ti] + <i>mbila</i> = <i>timbila</i>	[Ti] + <i>mbila</i> + [s] = <i>Timbilas</i>	Um instrumento musical tradicional feito à base de madeira, massalas e ceiva de plantas.	
			Um festival de	

⁹ De entre vários morfemas que marcam o infinitivo da língua portuguesa, no processo de chegada de verbos das LBM, a terminação “*-ar*”, a mais frequente na maioria dos verbos em português (falar, apontar e observar, só para citar alguns exemplos, revela-se a opção única para marcar o infinitivo de todos verbos chegados ao PM.

<i>M'saho</i>	[Mi] + <i>saho</i> = <i>Misaho</i>	[Mi] + <i>saho</i> + [s] = <i>Misahos</i>	canto e dança, ao som da timbila e batuques.
Modjeru	[Va] + <i>modje</i> + [ro]	<i>Modje</i> + [ro]	Indivíduo (homem) cuja função, nas paragens e estações de transporte, é angariar passageiros.

Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Em processo de adaptação, os termos são grafados e pronunciados nas duas formas, conforme estabelecido na língua de origem ou pelas regras do português, língua de chegada. Os exemplos ilustrados no “Quadro – 4” demonstram o processo de adaptação onde as palavras são pronunciadas não necessariamente no português e recebem flexão de plural conforme regras dessa língua. A palavra “*mamba*” (nome de uma cobra e designação da seleção moçambicana de futebol) está no singular, quando passa para o plural na língua *xichangana* acrescenta-se o morfema prefixal “*ti-*”, morfema gramatical do plural “*tiimamba*”, e a palavra “*muzione*” (indivíduo que professa a religião zione), quando passa para o plural, o prefixo *-mu* (singular) cai e é substituído por “*ma*”, outro morfema marcador do plural em LB, dando a palavra “*mazione*”.

Para adaptação na língua portuguesa, aplicou-se o singular (*mamba*), acrescentando o afixo gramatical “*-s*”, a marca do plural em português e, a palavra *mazione* está no plural, marcado pelo morfema gramatical “*ma-*” e assim, ao ser emprestado para o PM, transformou-se para português tendo sido acrescentado o plural *-s*, características de muitos substantivos na língua portuguesa.

Em alguns casos, os nomes emprestados ao PM apresentam dupla morfologia, das línguas de origem (*bantu*) e da língua de chegada (PE). Ora vejamos, os substantivos “*Zione*” (*xichangana*), “*Mbila*” e *M'saho* (*cicopi*), o “*Djolidjo*” (*cisena*) e “*imwali*” (*emakhuwa*) são disso exemplo. Ao formar o seu plural aportuguesado, cada unidade apresenta, ao mesmo tempo, morfemas marcadores do plural, tanto da língua de origem, como daquela de chegada. De salientar que, as LB apresentam uma diversidade de morfemas marcadores do plural, como descrevemos a seguir:

As palavras “*Mbila*” e “*M’saho*”, ao formarem o seu plural no PM, só é possível depois de elas terem assegurado a ocorrência do seu marcador de plural, conforme regem as suas regras no cicopi, isto é o morfema “- s”, marca do plural da LP, junta-se no final da palavra, já no plural em *cicopi*. Assim teríamos “*Timbila*, n, pl. conjunto de dois ou mais instrumentos musicais” e, no PM, assume-se “*mbila*” é apenas um instrumento, no entanto ao flexioná-lo para o plural, primeiro operacionaliza-se o plural *cicopi*, ao qual adiciona-se a marca do plural da LP, assim fica “*Timbilas*”. O mesmo ocorre no “*Misahos*”, onde o morfema prefixal “*Mi-*” marca o plural deste nome em *cicopi* que, por sua regra se apresenta no início da palavra, enquanto o “-s” marca o plural da LP, que se apresenta no final da palavra (regra própria desta língua), ambos associados ao radical da palavra “*saho*”.

Segundo Freitas; Ramilo; Soalheiro (2005, p. 37), a transformação lexical segue três fases, sendo que;

[N]a primeira fase, há adaptação fonética imediata, adaptação morfo-sintática imediata. Monossemia: manutenção de um dos significados da língua de origem, grafia da língua de origem e por fim hesitação nos tipos gráficos. Na segunda fase, há aprofundamento da adaptação fonética e morfo-sintática, possibilidade de formação de novas palavras por composição e prefixação tendo como base estrangeirismo, aparecimento de formas gráficas em alternativa às da língua de origem. Finalmente, na terceira fase, há estabilização fonológica: fixação do acento. Plena integração morfo-sintática: fixação do género e das formas de singular e plural. Integração no sistema morfológico da língua: possibilidade de derivação, polissemia: tendência para a extensão do significado de forma original.

4. Processos de formação

Quanto à forma dos empréstimos do *xichangana ao português*, destaca-se as palavras formadas pela reduplicação. A reduplicação é “um processo de repetição de uma parte ou de todo o tema” (Ngunga, 2014, p. 181), que pode ocorrer em todas as categorias e posições morfológicas.

A reduplicação pode ser total (completa) ou parcial. É total quando o morfema é reduplicado e parcial quando apenas uma parte é reduplicada. Esta seção está dedicada ao estudo de reduplicação verbal total, derivado do sistema morfológico das línguas moçambicanas (o *xichangana*, em ocorrência).

4.1 Reduplicação verbal total

Reduplicação total é “um processo morfológico em que o reduplicante e a base são idênticos (ao nível segmental)” (Ngunga, 2014, p. 182), como se pode observar nos exemplos que ocorrem nas línguas *xichangana*:

Quadro 5: Reduplicação verbal total do verbo em bantu e seu empréstimo no PM

Língua	Verbo de origem bantu	Reduplicação total do verbo bantu	Empréstimo com Reduplicação (PM)	Significado no português
Xichangana	Kufamba	Famba--famba	Famba-fambar	Andar repetidamente
	Kuhundza	Hundza--hundza	Hundza-hundzar	Passar repetidamente
	Kuhundza	Hundza-hundza	Hundza-hundzar	Passar/ ultrapassar de forma repetida
	Kukhoma	Khoma--khoma	Khoma-khomar	Pegar repetidamente

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

Os exemplos acima ilustram o caso da reduplicação total, o reduplicante se prefixa ao reduplicado, o processo é repetido completamente ao nível segmental, pois ao nível suprasegmental, quer o padrão tonal quer o lugar do acento podem mudar de forma não reduplicada à forma reduplicada. Como se pode observar, a reduplicação, como um processo morfológico de criação das palavras novas, na língua *xichangana* é usada para expressar interação, frequência, repetição das ações, fatos ou estados e fenômenos.

Todos os verbos reduplicados acima têm formas não reduplicadas que são parte do léxico de cada uma delas, isto é, os constituintes da reduplicação total são itens lexicais independentes, uma vez que se comportam como itens lexicais autónomos.

É importante salientar que a reduplicação está presente em diversas línguas e grupos linguísticos, é uma estratégia muito frequente. Por exemplo, “em português, podemos dizer também “*este livro é muito, muito bom*”¹⁰, para acrescentar a ideia de que apreciamos positivamente o mesmo do livro. No entanto, neste exemplo a repetição da palavra *muito* não pode ser considerada como processo morfológico de formação de uma palavra nova” (Hlibowicka-Węglarz, 2021, p. 80). Contudo, os verbos reduplicados nestas línguas moçambicanas têm a possibilidade de serem transportados para a língua portuguesa, para tal

¹⁰ Grifo dos autores.

toma - se a forma verbal da terceira pessoa do singular (*Khoma - khoma; Bula - bula*) e, ao reduplicante, é adicionado o morfema gramatical final dos verbos do primeiro grupo no infinitivo “-ar”, formando, desta forma, um novo verbo “variante típica partilhada não só pelo povo changana e não só, em Moçambique”.

Deve se notar que, as formas verbais reduplicadas, na língua portuguesa e que derivam de empréstimos das línguas do grupo Bantu, ocorrem do xichangana e não só. Em *Emakhuwa*, por exemplo, podemos citar o exemplo do verbo *Ophunya* “apertar”, cuja reduplicação de origem tem sido *Ophunya-ophunya* “apertar muitas vezes ou de forma insistida”. Nos últimos dias, na fala até de indivíduos escolarizadas, é comum, não só escutar a transposição do verbo para língua portuguesa “*Phunyal*”, sendo que nesta versão aportuguesada, o verbo perde o seu morfema prefixal verbalizador *Bantu-Emakhuwa* “O-”, substituído por seu equivalente português, morfema sufixal “-ar”.

Por uma questão estilística, não são raros os casos em que falantes moçambicanos, transferem para a língua portuguesa, o mesmo verbo na sua forma reduplicada, contudo, também aportuguesada “*Phunha-phunhalar*”, sendo que nesta dimensão, semanticamente revela uma ação em que o agente a realiza de forma recorrente ou repetida. Assim, estas não têm um sinónimo verbal explícito, isto é, os sinónimos só são possíveis em forma de unidades sintáticas “expressões idiomáticas ou pequenas sentenças”, como revelam os exemplos que se seguem.

Exemplo – 3: Ehh, aquela, do jeito que me *phunhou* por conta daquele valor dela, nem parece minha irmã.

O mesmo ocorre com outras línguas do grupo Bantu, vejamos os exemplos do *Cicopi* e do *Cisena*.

Exemplo – 4: Aquelas crianças só gastaram o Giz, sujando todo o quadro *Bala- balando* coisas que não corresponde ao exercício proposto pela professora.

Exemplo – 5: O bolo não tem qualidade nenhuma, a miúda foi *fungula- fungulando* o forno, e a minha mãe só se deu conta depois do burro morto.

Os exemplos 4 e 5, do *cicopi* e *Cisena* respectivamente, mostram a ocorrência do mesmo processo em outras línguas deste grupo (Bantu), onde os processos morfológicos por que os empréstimos são necessariamente os mesmos demonstrados na língua *xichangana*.

Considerações Finais

O contato entre os povos, línguas e culturas tem como consequência direta as transferências que inicialmente geram interferências nos diferentes níveis da língua de chegada. Contudo, quando estas transferências são operacionalizadas para dar cobertura a certas lacunas por ausência de uma terminologia própria (léxico) para designar certas realidades e, por isso tornam-se partilhadas por falantes da língua de destino, na nossa perspectiva chamamo-las de empréstimos linguísticos, e estes podem ser por adoção lexical sem adaptação ou com adaptação morfológica. Este fenómeno é natural, necessário e universal para todas as línguas humanas, quer com as orais, quer, também, com as de sinais, pois os povos ou as comunidades são únicos e são geograficamente marcados.

Assim, a componente antropológica – cultural torna-se a chave para a marcação dos grupos sociais, indivíduos, partilhando mesmos hábitos, tradições e crenças. Deste modo, as suas crenças, tradições e hábitos são expressos unicamente por uma língua, sendo que os outros povos podem observar e compreender as realidades, porém não podem explicá-las em sua própria língua, quando esta não lhe é característica, como afirma Geffray (1990, p. 19);

Ninguém compreenderia ou discerniria um sistema ou o funcionamento de qualquer outro sistema exótico [léxico, particularmente designando a nomes, eventos e práticas próprias e ou específicas a sua cultura], empregando regras ou termos do seu próprio sistema. A ser assim, seria um esforço fútil pois o sujeito estaria num horizonte de cego no qual estaria ao mesmo tempo a assumir que os seus padrões culturais seriam universais.

Os empréstimos linguísticos são uma oportunidade, uma alternativa natural a que todas as línguas estão expostas, na medida em que completa o complexo lexical, atribuindo solidez ao sistema e fluidez da linguagem, em face de insuficiências na língua de chegada (sistema). No contexto da língua portuguesa, em Moçambique, o contributo lexical provém não só da língua *Xichangana*, tanto os domínios lexicais visados, bem como os processos linguísticos de adaptação morfológica. Os nossos interlocutores referiram-se, ao longo do seu diálogo conversacional, a certos exemplos em várias línguas de origem Bantu, como se seguem:

Exemplo- 6: Matilde: Para nós, em chope temos dito, por exemplo: *txopelar*, v. - (subir no carro em marcha e sem o consentimento do condutor); *phophar*, v. - (como ato de andar procurar saber se alguém teria algo de que estás à procura, indo de casa-em-casa, de amigo- a- amigo, enfim. Nesta procura aleatória pode encontrar, assim como pode não)

Exemplo -7: Muchanga: acho que é em cena, mas todos nós, até eu que sou macua, tenho dito *pitakufa*, n.- (cerimónia de purificação da viúva); do changana, acho, não sei se estou a falhar, podem me corrigir vocês do sul, *mahala*, . - (algo de baixo custo, ou mesmo dada em forma de oferta), e

basela/baselar, s., v. – (oferta adicional depois de uma compra/ o outro como ato de dar esta oferta adicional), são muitas coisas (sorrir).

As operações resultantes de contato entre línguas A e B não podem ser compreendidas como preenchedoras de vazios lexicais e ou linguísticos, mas sim representam, certamente, uma manifestação da existência, da autenticidade linguístico-cultural, da reivindicação, demonstração de pertença, valorização e retomada dos saberes e valores socioculturais. Isso quer dizer que nem sempre os empréstimos estão ao serviço de espaços opacos na língua B (sistema) e a realidade cultural que é linguisticamente representada e exteriorizada, pois há casos em que o elemento emprestado na língua B, subalterniza o seu equivalente ainda na língua emprestada, por exemplo; *txovar*, v.- (empurrar algo a mão, ou dar companhia a alguém), *guinguisecar*, v.- (atrapalhar- se).

Ao observar os exemplos propostos por Muchanga, fica igualmente claro que, os empréstimos já absorvidos (queira sem ou com adaptação morfológica) passam por dois grandes e principais estágios, o primeiro refere-se ao caso em que este é de uso restrito do grupo étnico-linguístico Bantu de que este foi importado a LP e, o segundo corresponde ao mais alto nível de absorção, o de uso universal, implicando não só os grupos étnicos-Bantu de origem da terminologia, passando a ser de uso consensual de todos grupos étnicos locais, são o caso de *mahala* (do *cicopi* e do *xichangana*); *pitakufa* (do *cisena*); *muthiyana orera* “mulher linda” (do *emakhuwa*).

Assim podemos descrever as duas categorias de empréstimos, a primeira corresponde à aqueles que são linguisticamente necessários para representar de forma cabal o meio em que a língua enfrenta barreiras ou limitações, dando assim, solidez, coesão e tornando homogêneo a um sistema linguístico. A esta categoria chamamos por empréstimos estruturalistas ou homogeneizadores. Enquanto isso, o outro é referente ao resultado de imposição de uma língua, tal é o caso da LP que é massificada no meio de uma diversidade sociolinguisticamente mais expressiva (o caso das LB- no contexto moçambicano).

Estas situações são largamente distintas daquela que podem ocorrer e explicadas pela sociolinguística, referimo-nos a formas idioletais, socioletais entre outras que podem ocorrer dentro da mesma língua. A esta categoria de empréstimos, optamos em chamar por empréstimos

variacionais ou socioletais, dado o fato de um indivíduo, grupo ou estrato social decidir o seu uso até que este atinja a todo o tecido social que partilha a mesma língua (uso universal).

Outrossim, é referente a morfologia do verbo derivado de empréstimo das LB ao PM, isto é quando falamos desta subcategoria de empréstimos, os elementos linguísticos-culturais vindos da língua “A”, ao se integrarem na língua “B”, apropriam-se às regras emanadas pelo sistema da língua de chegada. Exemplos foram vários, mas deve se sublinhar que, de entre as regras gerais e as suas especificidades, os empréstimos conformam-se geralmente nas regras mais comuns e universais. Senão vejamos os exemplos dos verbos vindos das LB, ao atingirem o sistema da LP, enquadram-se na classe dos verbos do primeiro plano, terminando sempre pela marca “-ar”, conforme descreve Timbane (2017, p. 43) “na LP, os verbos vindos do xichangana são integrados nos verbos da primeira conjugação, quer dizer, aos verbos que terminam em “-ar”. É o caso dos verbos “*nholar*” (servir fazer passes aos outros no jogo), *palhar* (evocar aos antepassados), (...)”.

Numa outra abordagem, há empréstimos que chegados a LP apresentam uma dupla morfologia, sendo primeira, a morfologia própria e típica das LB (a prefixação), segundo referiu Hlibowicka-Węglarz (2021), enquanto a segunda categoria é a de morfologização (adaptação morfológica) na LP, respeitando as suas próprias regras, vejamos o exemplo seguinte:

- ✓ “*misahos*” (festivais), neste caso, o mesmo nome “*m’saho*” usado na linguagem do PM apresenta dupla marcação do plural, sendo uma de origem *bantu* marcada pelo morfema prefixal “*mi*”, e a segunda que é marcada pelo morfema sufixal final “-s”.
- ✓ “*madjolidjos*” (ajudante de cargas), neste segundo caso, o nome “*djolidjo*” apresenta, como marca do plural o morfema prefixal “*ma*” e o sufixal final “-s”, do *bantu* e do português, respectivamente.

Observando estes e mais exemplos descritos e explicados nesta pesquisa, podemos concluir que, diferente da LP que tem o morfema “-s” como seu marcador morfológico do plural nos substantivos, as LB apresentam dois ou mais morfemas que marcam o plural, “*mi*”; “*ma*”, só para citar alguns exemplos. Assim este estudo revelou que os empréstimos chegados a língua portuguesa podem ser adaptados graças a uma terceira categoria de mutações morfológicas, a dupla morfologia, sendo a primeira marcada pela prefixação (*mi-*; *ma-*), “regência morfológica Bantu” marcando o plural que, por sua vez é marcado pelo morfema sufixal (-s) do princípio morfológico da LP, sobre o mesmo radical do nome.

Mais ainda, com esta pesquisa pudemos compreender que dentro de inúmeros empréstimos do xichangana, bem como outros derivados de outras línguas nas quais consiste a nossa visão comparativa (tipologicamente), nomeadamente *emakhuwa*, *cisena* e *cicopi*, ficou claro que, podemos assumir que com um estudo etimológico mais aprofundado chega-se a língua de origem, são os casos de *musuruko* (*emakhuwa*); *shamwari*, *mbava* (*cisena*); “*rali*, *timbila* e *xiguinha*” (*cicope*) e; *kokuana*, *ndjinguiritana* (xichangana), isto é, cada uma delas deu seu contributo na origem desta variante do português (aportuguesação), variante esta a que podemos considerar por Português moçambicano, já que esta pode gerar dificuldades de interpretação e compreensão de certos códigos (lexical e verbal, neste caso), ainda que podíamos ter focado a subsectores sintáticos, pragmáticos, discursivos, na mesma perspectiva de empréstimos oriundos do grupo Bantu.

Do ponto de vista fonético-fonológico, é importante sublinharmos que, nesta variante do português, é normal destacar-se um fenómeno pouco comum no PE, a segmentação vocálica, marcada pela separação da consoantes, mesmo em palavras que apresentam duas ou mais consoantes consecutivas, ocorrendo desta forma um outro processo linguístico, silabização, uma característica específica no grupo Bantu (Ngunga, 2014). Contudo, este processo é bastante notório no sentido inverso, quando os empréstimos partem da língua portuguesa para as línguas de origem Bantu. Esta anunciou-se como uma nova janela e oportunidade de pesquisa, nos próximos tempos.

Do outro lado, no que se quer como políticas linguísticas nacionais, bem como as escolares, no sentido de estas acompanharem as dinâmicas e demandas urgentes sobre a noção da língua portuguesa padrão do ensino em Moçambique, olhando para aquilo que é a realidade e as necessidades do próprio meio (moçambicano), assim redefine-se o conceito erro e o correto, sem passar de uma sabotagem linguística gerada por nós moçambicanos e para nós mesmos. Há, aqui também, a necessidade de emancipar, conferir o estatuto às LB, para tal, a promoção de um ensino e pesquisa sobre estas línguas historicamente marginalizadas é um imperativo muito urgente.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 3. ed. rev. ampl. Lisboa: Edições 70, 2014.

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola. 135, p. 2008.

CARDANO, M. *Manual de Pesquisa Qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2017.

COSERIU, E. *Sincronia. Diacronia e História: O Problema da Mudança Linguística*. Rio de Janeiro – RJ: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

DIAS, H. N. (Org.) et al. *Português Moçambicano. Estudos e reflexões*. Universidade Eduardo Mondlane, 2009.

_____. *Minidicionário de moçambicanismos*. Maputo: Imprensa Universitária, 2002.

_____. Currículo, internacionalização, hibridação, crioulicidades e moçambicanidades. In: MORGADO, J. C. et al. *Currículo, Formação e Internacionalização: Desafios contemporâneos*. 1ª Ed. Minho- Portugal: Centro de Investigação em Educação (CIEd), Março, 126 – 142, 2018.

FAQUIR, O. F; NGUNGA, A. *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA)- UEM, 2012.

FIRMINO, G. Diversidade linguística e desenvolvimento nacional: questões sobre política linguística em Moçambique, *Rev. Cient. UEM, Cienc. Soc.* Vol. 1, N°1. 118 – 129, 2015

FREITAS, T.; RAMILO, M. C.; SOALHEIRO, E. O processo de interação dos estrangeirismos no português europeu. In MATEUS, M. H. M. NASCIMENTO do, F. B. (orgs). *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Caminhos, 2005.

GEFFRAY, C. *Ni père, ni mère ; Critique de la parenté : le cas de makhua*. Paris: Seuil, 1990.

GUTHRIE, M. *Comparative bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the bantu languages*. Vol 1 (1967), Vol 2 (1971), Vol 3 (1970). Londres: Gregg International Publishers Ltd, 1967-1971.

HLIBOWICKA-WĘGLARZ, B. Para compreender a situação linguística em Moçambique. *Studia Iberystyczne*, 9, 77–87, 2021.

Instituto Nacional de Estatística de Moçambique. *Recenseamento Geral da População e Habitação – 2017*. INE, 2019.

LOPES, A. J.; Siteo, S. J.; & Nhamuende, P., J. *Moçambicanismos. Para um Léxico de Usos do Português Moçambicano*. Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 2002.

MAPASSE, E. L. A. O uso e avaliação social do português em Moçambique, *Calidoscópio*, Vol. 15, nº 2, p. 240 – 253, 2017.

MEC. *Sistemas de Educação em Moçambique*, Maputo, MEC, 1980.

NGUNGA, A. *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 2014.

POISSON-QUINTON, S; MIMRAN, R; MAHÉO- Le COADIC. *Grammaire expliquée du français*. CLE International, France, 2004.

SITOE, B; NGUNGA, A. *Relatório do II Seminário Sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo, NELIMO – Centro de Estudos das Línguas Moçambicanas, Universidade Eduardo Mondlane, 2000.

TIMBANE, A. A. *A variação linguística do português moçambicano: uma análise sociolinguística da variedade em uso*. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 32, 19 – 38, 2017.

TIMBANE, A. A.; BERLINCK, R. de A. A influência da língua portuguesa nas línguas bantu em Moçambique: o caso da língua xichangana, *Interdisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies*, vol. 8. 105 – 25, 2019.

VAZ FREIXO, M. J. *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Lisboa/Portugal: Edições Piaget, 2018.

VELUPILLAI, V. *An introduction to Linguistic Typology*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

VILELAS, J. *Investigação – o processo de construção do Conhecimento*. Lisboa: Portugal Sílabo, 2009.

YIN, Robert K. *Case Study Research: Design and Methods*. Los Angeles: SAGE Publications, 2014.